

CONHECIMENTO SOBRE EPILEPSIA EM UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE: REVISÃO SISTEMÁTICA

CONHECIMENTO SOBRE EPILEPSIA EM UNIVERSITÁRIOS

Priscila de Souza¹
Natália Cristina de Oliveira²

Recebido em 23 de fevereiro de 2017
Aceito em 28 de junho de 2017

RESUMO

A epilepsia é uma doença neurológica comum. Segundo a classificação internacional das crises epiléticas, é definida como uma descarga elétrica excessiva desorganizada no cérebro, que pode ser dividida em três grupos de crises: parciais ou focais, generalizadas e não classificáveis. Estima-se que 8 em cada 1000 pessoas em todo o mundo tenham epilepsia. Embora seja uma doença bastante prevalente, a epilepsia ainda é cercada por preconceitos e estigmas. Assim, o objetivo deste estudo foi identificar o conhecimento dos estudantes universitários da área da saúde em relação à epilepsia. Foi realizada revisão sistemática da literatura dos últimos anos (2000 - 2014). Para tanto, a estratégia de busca utilizou descritores de acordo com a nomenclatura MeSH (epilepsy, student, university student and knowledge) nas bases de dados PubMed, Lilacs, Scielo e ProQuest. A busca resultou em 3 artigos cujos autores pesquisaram universitários da saúde do Brasil e Jordânia. Em todos eles, o conhecimento sobre a doença foi considerado insuficiente. Os estudantes universitários não têm recebido adequado conhecimento sobre epilepsia em sua formação. Eles representam uma parcela importante da sociedade, pois se tornarão profissionais da saúde vetores de informação. O conhecimento sobre a doença pode influenciar suas atitudes e a de outras pessoas perante a epilepsia.

DESCRITORES: epilepsia, estudantes, estudantes universitários, conhecimento, pessoal de saúde.

ABSTRACT

Epilepsy is an ordinary neurological disease. According to the international classification of epileptic seizures, it is defined as an unorganized excessive electrical discharge in the brain, which might be divided into three groups of seizures: partial or focal, generalized and non-classifiable. It is estimated that 8 in each 1000 people in the world have epilepsy. Although it is a highly prevalent disease, epilepsy is still surrounded by prejudice and stigmas. Therefore, the aim of this study was to identify the knowledge about epilepsy among university health students. A systematic review in the scientific literature of the last years (2000 - 2014) was conducted. Search strategy used MeSH descriptors (epilepsy, student, university student and knowledge) at PubMed, Lilacs, Scielo and ProQuest data bases. The search resulted into 3 articles whose authors investigated university health students from Brazil and Jordan. In all of them, knowledge about the disease was considered to be insufficient. University students have not been receiving adequate knowledge about epilepsy in their undergraduation courses. They represent an important fraction of society, as they will become health professionals, vectors of information. Knowledge about this disease may influence their attitudes and other people's towards epilepsy.

KEYWORDS: epilepsy, students, university students, knowledge, health personnel.

¹ MSc em Promoção da Saúde pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Fisioterapeuta do Instituto de Medicina Física e Reabilitação (IMREA) - Rede Lucy Montoro.

² PhD, docente do Mestrado em Promoção da Saúde do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-SP).

INTRODUÇÃO

A epilepsia é uma doença neurológica comum¹. Segundo a classificação internacional das crises epiléticas², ela é definida como uma descarga elétrica excessiva desorganizada no cérebro, que pode ser dividida em três grupos de crises: parciais ou focais, generalizadas e crises não classificáveis. O diagnóstico da epilepsia geralmente depende da descrição das crises pelo paciente, por parentes ou por testemunhas. Dessa forma, a história e o exame clínico são fundamentais². A Organização Mundial da Saúde estima que 8 em cada 1000 pessoas em todo o mundo tenham epilepsia, e a prevalência desta doença em países em desenvolvimento é mais elevada quando comparada com a de países desenvolvidos³. Embora a epilepsia seja uma das patologias neurológicas mais prevalentes, ela ainda é cercada por preconceitos, estigmas, falta de consciência e atitudes errôneas da população para com a doença^{1,4,5}.

Diferentes autores observaram que grande parte da discriminação é motivada pela ideia equivocada de atribuir aos pacientes epiléticos a impotência, a fragilidade e a deficiência mental, além do medo de testemunhar e ter que lidar com as causas e sintomas da doença^{1,4,5}. Embora as causas da atitude preconceituosa das pessoas para com a doença sejam complexas, a falta de conhecimento sobre a epilepsia tem sido considerada um grande determinante para a rejeição social contra os epiléticos^{4,5}. A ocorrência de epilepsia muitas vezes é considerada condição de agravamento de transtornos motores, psicológicos ou impedimento para inclusão do paciente nos diferentes meios sociais¹. Isto pode ter origem no desconhecimento do tema pela população, e também por parte dos profissionais de saúde. Assim, diversos estudos têm sido realizados para identificar o conhecimento, o comportamento e as crenças das pessoas quanto à epilepsia^{1,4,5}.

Os estudantes universitários representam uma parte da sociedade com níveis elevados de conhecimento, com grande potencial de se tornarem modelos para a sociedade e de contribuírem para o crescimento do país⁵. É importante que eles tenham o correto conhecimento e atitudes adequadas perante o indivíduo com epilepsia, visto que esses futuros profissionais são importantes vetores de informação para a sociedade¹.

Investigações nessa área podem possibilitar a identificação de deficiências na formação profissional, bem como orientar a elaboração futuras intervenções, que refletirão num maior nível de conhecimento e inclusão dos pacientes com epilepsia na sociedade. Assim, o objetivo desse estudo foi identificar o conhecimento dos estudantes universitários da área da saúde em relação à doença epilepsia.

METODOLOGIA

Este estudo revisou artigos indexados nas bases de dados PubMed, Lilacs e Scielo, no período compreendido entre 2000 e 2014. Para tanto, adotou-se a estratégia de busca por descritores de acordo com a nomenclatura MeSH: epilepsia (epilepsy), estudante (student), estudante universitário (university student) e conhecimento (knowledge). Fizeram parte desta revisão sistemática estudos com humanos, clínicos, uni ou multicêntricos, randomizados e com critérios de seleção amostral, que tivessem analisado o conhecimento sobre a epilepsia em estudantes universitários da área da saúde. Foram excluídos artigos de revisão de literatura e os que atendiam apenas parcialmente os critérios de inclusão. Os estudos foram selecionados seguindo a metodologia de revisão sistemática⁶: 1º etapa - seleção dos artigos selecionados através do descritores e estratégia de busca; 2º etapa - análise do título dos artigos; 3º etapa - exclusão dos artigos selecionados com o mesmo título nas diferentes bases de dados; 4º etapa - leitura dos resumos; 5º etapa - leitura dos artigos na íntegra, análise crítica e conclusiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados ao todo 156 artigos (1º etapa), com os descritores (university student AND epilepsy AND knowledge) e (epilepsy AND student AND knowledge). Foram selecionados 43 artigos (2º etapa) 33 no PubMed, 5 na Scielo e 5 na base de dados Lilacs. Após a seleção parcial (3º etapa), restaram 34 artigos. Com a leitura dos resumos (4º etapa) foram excluídos 31 artigos que não atendiam aos critérios de inclusão (avaliação de pessoas epiléticas, de profissionais graduados ou em pós-graduação, de estudantes universitários de outras áreas que não a da saúde). Assim, restaram 3 artigos (5º etapa) para serem discutidos.

Os artigos analisados mostraram resultados semelhantes: eles evidenciam a falta de conhecimento e a insegurança entre os futuros profissionais. Este dado é preocupante, uma vez que esses profissionais serão os responsáveis pelo acolhimento do paciente epilético nos diversos serviços de saúde, sobretudo no âmbito da atenção interdisciplinar.

Em 2004, Fonseca et al.¹ avaliaram o conhecimento e a atitude perante a epilepsia de universitários de Ciências Farmacêuticas, Fisioterapia, Medicina, Nutrição e Terapia Ocupacional. A amostra foi composta por 290 alunos ingressantes e 274 concluintes. As respostas ao questionário (baseado em itens relativos à familiaridade, conhecimento, atitudes e cuidados na crise epilética) revelaram que os estudantes concluintes, como esperado,

tinham maior conhecimento sobre a epilepsia. Contudo, a avaliação dos autores foi que mesmo o conhecimento dos alunos do último ano ainda era insuficiente e deveria ser melhorado.

Os mesmos autores observaram que parte significativa tanto de ingressantes como de concluintes apresentava conhecimento inadequado, como, por exemplo, a necessidade de se introduzir algo na boca do paciente para evitar asfixia. Vinte e cinco por cento dos alunos consideravam que a epilepsia era uma doença hereditária. A mesma porcentagem assinalou que a epilepsia era dependente de lesão cerebral, e não houve diferença significativa entre os alunos do primeiro e último anos em relação ao conhecimento de alguns aspectos da doença¹.

Outro estudo realizado por autores brasileiros⁴, avaliou universitários da área da saúde do quarto ao sétimo semestres dos cursos de Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Nutrição e Terapia Ocupacional, através da implementação de atividade educativa sobre epilepsia. Cento e dezesseis estudantes responderam a um questionário antes e após a intervenção educativa. Os autores observaram baixo conhecimento acerca de diversos aspectos da epilepsia antes da intervenção. Após o *workshop* de 2 horas com recursos audiovisuais, as respostas foram mais adequadas, entretanto, ainda foram observadas muitas lacunas. Os autores concluíram que a inclusão rotineira de discussões sobre o tema resultará na familiaridade dos estudantes com a doença e conseqüentemente produzirá reflexos em suas futuras atitudes profissionais.

O mais recente estudo sobre o tema foi o de Hassona et al.⁶. Os pesquisadores avaliaram o conhecimento de 171 estudantes do 4º e 5º anos de um curso de Odontologia na Jordânia e observaram que, além do conhecimento inadequado sobre a doença, 43% da amostra acreditava que indivíduos portadores de epilepsia não deveriam se casar, e 87% assumiram que teriam medo de tratar e/ou cuidar desse tipo de paciente por temerem crises epiléticas durante o procedimento odontológico.

A falta de segurança e conhecimento dos profissionais pode afetar de forma negativa ao acesso das pessoas com epilepsia ao serviço de saúde e a diversos tratamentos, como é o caso da odontologia⁵. A pequena experiência clínica durante a graduação pode explicar as atitudes desses estudantes, pois uma boa capacitação é essencial para uma atuação profissional competente⁵.

Novas formas e condutas de ensino devem ser praticadas, para que se eleve o nível de conhecimento e segurança dos futuros profissionais, a fim de reduzir as limitações encontradas por pessoas com epilepsia e seus familiares nos diferentes meios sociais, principalmente no que diz respeito ao acesso aos diversos tipos de tratamento de saúde.

CONCLUSÃO

Os estudantes universitários não têm recebido adequado conhecimento sobre epilepsia em sua formação. Eles representam uma parcela importante da sociedade, pois se tornarão profissionais de saúde, vetores de conduta e informação. A falta de conhecimento por parte de universitários de diferentes cursos da área da saúde pode ter relação com a aceitação social das pessoas epiléticas, o que gera dificuldades para os pacientes e suas famílias.

A melhoria do nível de conhecimento sobre a doença, seja ela obtida de forma curricular ou por meio de palestras e *workshops* aos universitários, pode influenciar suas atitudes e as de outras pessoas perante a epilepsia. A experiência clínica com pacientes epiléticos durante a graduação também deve ser valorizada. Ainda são necessários mais estudos, em mais países e com um instrumento único, para que seja possível comparar opiniões, conhecimento e atitudes dos futuros profissionais sobre a doença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fonseca LC, Tedrus GMAS, Costa ACF, Luciano PQ, Costa KC. Conhecimentos e atitudes sobre epilepsia entre universitários da área da saúde. *Arq Neuro-Psiquiatr.* 2004; 52(4): 1068-1073.
2. Commission on Classification and Terminology of the International League Against Epilepsy (ILAE). Proposal for revised clinical and electroencephalographic classification of epileptic seizures. *Epilepsy* 1981; 22(4): 489-501.
3. World Health Organization (WHO). Epilepsy, Fact sheet #999, <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs999/en/>; 2017 [accessed 02.06.17].
4. Tedrus GMAS, Fonseca LC, Vieira ALC. Knowledge and attitudes toward epilepsy amongst students in the health area. *Arq Neuro-Psiquiatr.* 2007; 65(4-B): 1181-5.
5. Hassona YM, Mahmoud AAA, Ryalat SM, Sawair FA. Dental students' knowledge and attitudes toward patients with epilepsy. *Epilepsy Behav.* 2014; 36: 2-5.
6. Galvão CM, Sawada NO, Trevizan MA. Revisão Sistemática: Recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. *Rev Latino-Am Enfermagem.* 2004; 12(3): 549-56.